

CULTURA E IMPLICITOS DO BRASILEIRO EM CRÔNICAS DE COTIDIANO

Maria José Nélo (PUC/SP – UEMA)

Apresentação

Esta comunicação situa-se na área Análise Crítica do Discurso com vertente sócio-cognitiva e trata das interações sociais e representações culturais do brasileiro, por meio do risível em crônica nacional. Tem-se por pressuposto as crônicas que provocam o riso, enquanto representações sócio-culturais presentes de forma, explícita e implícita, no uso da linguagem cotidiana do cronista ao expressar em língua suas representações de mundo.

Tem-se por objetivo geral contribuir com os estudos de textos brasileiros que causam o risível, pelo enfoque interculturalista. São objetivos específicos: 1. examinar no texto em busca de sua organização textual que guia a representação dos marcos de cognições específicos; e 2. situar no crônica a ruptura da expectativa do leitor no texto-produto, quanto, no texto-processo.

1. Bases Teóricas

A vertente sócio-cognitiva da ACD tem como principal representante van Dijk (1997). O autor trata das categorias Discurso, Sociedade e Cognição que se inter-relacionam e se definem uma pela outra. Assim, o Discurso é entendido como práticas sociais, onde os indivíduos exercem diferentes papéis; a Sociedade é formada por conjunto de grupos sociais que se reúnem por terem objetivos, propósitos e interesses comuns, pois ao focalizar as coisas no mundo têm um mesmo ponto de vista, como formas opinativas de avaliar o mundo; e, a Cognição é construída por conhecimentos vividos e experienciados em sociedade, os conhecimentos sociais guiam os individuais, mas os conhecimentos individuais são experienciados individualmente, e, por sua vez, modificam os conhecimentos sociais.

Entende-se que as categorias Discurso, Sociedade e Cognição ao se inter-relacionarem implicam raízes históricas relativas à Memória Social e à contemporaneidade, sendo que esta determina a historicidade dos acontecimentos. É dessa articulação que se podem resgatar o Marco de Cognições Sociais, e são eles que, de forma constrói para os interlocutores constrói

para os interlocutores em geral, já foram tratados pelos estudiosos como Nogueira (1982) e Cândido (1992), da crônica nacional com fatos ou vida cotidianos, Silveira (op.cit. p.14). A categoria textual, opinião do cronista, define-se por conhecimentos avaliativos do próprio cronista, a partir de outro ponto de vista que é de conhecimento social, de forma a construir um evento discursivo particular.

Na Teoria das Representações Sociais, Moscovici (2007) propõe que as representações sociais são estruturas dinâmicas que se modificam constantemente. Esta dinamicidade implica que, no interior dos grupos sociais, há pontos de similitudes focalizados como forma de avaliações comuns a respeito dos acontecimentos do mundo. Há também divergências entre os grupos sociais. Portanto, essas tensões são contínuas, pois as mudanças individuais são mais flutuantes que as representações sociais que guiam as interações e as comunicações. Nesse sentido, os fenômenos das representações resultam ideologicamente de estruturas cognitivas sociais e individuais em seu cotidiano. Ambas as representações quando se tornam comuns, passam a constituir a realidade dos grupos sociais, transformando as ideais representadas simbolicamente em práticas de conhecimentos interacionais.

Assim sendo, o caráter dinâmico das representações sociais permite que elas constantemente sejam negociadas e renegociadas nas interações grupais. São negociações que geram a dinamicidade de um indivíduo poder participar de diferentes grupos sociais ao mesmo tempo ou ser objeto de rejeição inter grupal. Além disso, os conhecimentos são sempre produzidos e reproduzidos por interação comunicativa e sua interação liga-se aos interesses sociais dos grupos.

Essas considerações acerca da Análise Crítica do Discurso e da Teoria das Representações confirmam a importância dos fenômenos sociais, para confirmar na análise do *corpus* as marcas de identificação culturais como elementos do riso e do risível. As manifestações escritas geradoras de riso, em outra situação, conforme o tempo e espaço

podem indicar imprecisão, porque a recorrência e a discrepância não estão apenas no nível da palavra. Ao considerar as definições aristotélicas, de que “o homem é um animal que sabe rir” e o risível é um enigma decorrente da essência humana, Bergson (2004) adiciona a causa do risível às decorrências da sociedade que encontra motivos e resposta para rir. Por isso, uma paisagem, um animal, um objeto nunca será risível, mas o homem pode apreender deles uma atitude humana.

Em outra prática social, Pirandello (1996), retoma Bergson e trata do riso e do risível como sendo um despertar vivido pelo autor que registra sua forma de ver o vivido, para que os outros interpretem e tenham o mesmo efeito experienciado por ele, autor que vivenciou algo risível. Assim, a comicidade do riso é exterior aos atos, os gestos, as reticências do ator, mas ativa o efeito da reflexão no outro.

Para autores: Bergson e Pirandello, o riso dá-se, nos interstício de encadeamento de atitudes conhecidas e, ao projetar uma situação, um novo encadeamento de informações rompe com a expectativa projetada. Nesse sentido, eles mostram que o riso não tem essência, mas história e conhecimentos culturais de um grupo social. Por conseguinte, pode-se entender, também, as concepções de Raskin (1987, apud Travaglia, 1990), ao tratar que o engraçado no humor é sempre risível, de forma a pôr em limites tênues as manifestações de repressões, consideradas tabus, como sexualidade, denúncias, violências e tudo que não seria possível fora do humor.

Apesar dos estudos lingüísticos, até meados do século XX, ter por foco a palavra e a oração, Arthur Azevedo aponta que para se fazer rir, não é necessário assistir ao acontecido, basta esse acontecido ser representado pela palavra. Desta dar-se-á impactos entre o acontecido e o representado, é, assim no impacto das polaridades das contradições que resulta a graça do incontável. A palavra em ocorrência na crônica possibilita verificar em língua representação da identidade cultural do brasileiro, no cotidiano, objetiva-se identificar as

ocorrências de intertextualidade no texto crônica com outros textos instaurados por conhecimentos enciclopédicos, que, ideologicamente, dialogam o vivido com a contemporaneidade sobre o brasileiro, em diferentes práticas sociais.

A crônica brasileira tem como modelo a portuguesa, que relaciona o tempo vivido com cotidiano do jornal impresso. Ressalte-se que a crônica nacional adquiriu outros valores como o texto curto para fins de entretenimento e ocupa um espaço específico (rodapé = folhetim). Meyer (1992)¹, trata que o folhetim tem origem na França e designa o espaço inferior do jornal, rés-do-chão, rodapé, localiza-se, quase sempre, na primeira página e é esse espaço, anteriormente vazio, do jornal, que se destina ao entretenimento.

Para formalizar a variedade daquele espaço reservado à crônica Meyer (1992) destaca que se trata de um espaço aberto a quaisquer formas e modalidades de textos escritos para diversão: piadas, charadas, críticas de últimas peças, livros; tendo em vista os conteúdos de rotina, enfim é o espaço do folhetim que abriga todas as manifestações do cotidiano.

No Brasil, a crônica contém a versatilidade desse espaço nos jornais, os cronistas recebem *in loco* considerável influência para a divulgação do novo gênero que se caracteriza por histórias curtas, que tratam do cotidiano das pessoas e da realidade nacional, além de ser de fácil assimilação para o público leitor. Nesse contexto, os cronistas passam a designar a crônica um espaço de representação dos fenômenos cotidianos, na verdade, é quase um registro Historiográfico do olhar aguçado do cronista que passa a flagrar a cidade, os costumes e os usos do povo brasileiro, e revela ao seu leitor os casos mais inusitados e em suas interpretações sensíveis.

A crônica de cotidiano apóia-se em dados enciclopédicos e interacionais, para construir o novo, tem-se por diretriz os conhecimentos de contextos cognitivos dos

¹ MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis de variedades e folhetins se fez a chronica. In: CANDIDO, Antonio. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.

interlocutores que opera os conhecimentos anteriores e ao confrontar seus saberes com o inesperado constrói-se o risível que reformula, imediatamente, seu contexto cognitivo na construção do novo. O novo se constitui na tessitura do vivido e experienciado nas relações históricas, sociais, culturais do brasileiro, que em diferentes discursos planifica na crônica seu cotidiano, tanto no seu modo ser e de se fazer representado nas interações quer explícita ou implícita na crônica de cotidiano.

Silveira (2000), crônica é um texto da classe opinativa, seu esquema textual pode ser definido por duas categorias mais hierárquicas que são: Marco de Cognições Sociais e a opinião do cronista. Segundo a autora, a categoria Marco de Cognições Sociais define-se por agrupar semanticamente sentidos relativos à vida cotidiana do brasileiro. Ao atribuir às coisas e às ações existentes no mundo formas de representações mentais sócio-cognitivas, que são avaliativas, formam conhecimentos e compõem a cultura nacional dos grupos sócio-cognitivos diferentes. Ao entender que os conhecimentos são avaliativos e construídos a partir de um ponto de vista, pode-se também entender que as pessoas se agrupam por terem objetivos, interesses e propósitos comuns. Não se trata, portanto, do que existe no mundo, mas sim, do que se conhece, a partir de um estado de coisas em que se coloca o que existe no mundo.

Pode-se verificar na crônica de cotidiano “O brasileiro, se eu fosse inglês”, de Fernando Sabino, como o cronista representa, de forma avaliativa, os modos irreverentes, do brasileiro, resolver problemas de aparente rotina.

2. Discussão e Resultados Obtidos

Entende-se que a representação enunciativa pode atualizar as instâncias de mediação, entre o lingüístico, referente presumido no enunciado; e o não-lingüístico, referencial indicador do marco de cognições sociais, saberes cultural. Os saberes culturais compreendem

um conjunto de conhecimentos implícitos dos falantes de uma língua. Já o valor ideológico compreende um conjunto dos sistemas de interpretação acerca do universo referencial.

Nesse sentido, as concepções que tratam das relações do homem com outros homens, ou consigo mesmo, e com o mundo, ao longo da História, têm a palavra como mediação de natureza cognitiva que pode construir e constituir as condições de adequação do homem na História e em cada contemporaneidade, podendo manter saberes e situar as premissas como: saber que “x”, acredita que “x”, quer que “x” e até considerar bom que “x”. Tais domínios se são ativados no contexto cognitivo e nas práticas sócio-interacional dos brasileiros, pois saber, acreditar, querer e considerar ideal é partes intrínsecas da cultura, portanto, estão presentes no seu cotidiano, Usual; enquanto o Inusitado, muitas vezes, acontece pela reconstrução do sabido, contado de outro modo.

De acordo com Breton (2003), a palavra, de um lado, nos vincula aos outros e pontua o cotidiano; de outro, tece os diálogos interiores e exteriores das expressões comunicativas, indubitavelmente pela palavra. De maneira recursiva a palavra constrói e reconstrói noções sobre as relações dos homens no e pelo mundo. Para evitar dúvidas, os termos palavra, léxico e enunciado são usados como equivalentes, embora filólogos e lexicólogos os diferenciem. Para Turazza (2002), o léxico condensa em si a representação da bio-físico-sócio-histórico-ideológico e cultural, por isso uma palavra nunca é vazia de significado, sempre contém uma carga de valor e de indicação de sentidos, enunciados como proposição que convergem mais informações que subjazem a língua, ou seja, como conhecimento enciclopédico, sócio-interacional.

Nas análises das crônicas, selecionadas como corpora, destacam-se os enunciados. , os dois termos valem um pelo outro. Assim, estendem-se os valores avaliativos contidos nos enunciados às intencionalidades do cronista-enunciador. O cronista, ao enunciar, busca construir e fazer menção às características do brasileiro, de forma explícita ou implícita na

linearidade do texto, crônica. Para tanto, os enunciados orientam possibilidades de recuperar como, uma das características do brasileiro: o risível.

Na enunciação, o cronista representa, ideologicamente, personagens, seleciona palavra, contexto situacional para direcionar a interlocução com leitores, que por sua têm *frames*, *scripts*, que são orientados por saliências, implicaturas e intertextos que extrapolam o que está na crônica, ao serem ativados produzem novos conhecimentos.

O léxico selecionado, pelo cronista, para representar um fato Usual, portanto do cotidiano brasileiro, é também constituinte de hipóteses de leitura para o leitor/interlocutor. Este ativa, a partir de seus conhecimentos prévios, *frame* e *script*, saberes sobre “Roubando galinhas”, porém Luís Fernando Veríssimo na medida em que seqüencia os fatos, constrói o Inusitado, produzindo nova expectativa para seus interlocutores, que é instigado a reformular o que sabia.

2.1 seletividade léxico-gramatical na crônica “Roubando galinhas”

Assim, a partir dos papéis disponíveis na sociedade tanto, o cronista seleciona representar na crônica “Roubando galinhas”: um ladrão e um delegado, sempre representado por suas funções na sociedade. Por conseguinte, o cronista remete-se ao saber do marco das cognições sociais dos leitores/interlocutores, saber Usual para revela, intencionalmente, o Inusitado; de forma que ao romper com o esperado pelos leitores/interlocutores, propiciando-lhes o inesperado e risível.

O cronista, intencionalmente, parte do MCS e dos conhecimentos institucionalizados no dicionário, com vistas a construir uma representação delituosa patente no cotidiano do brasileiro. Por conseguinte, o Dicionário de Aurélio não explicita o vocábulo **roubando**, forma nominal implicada no verbete roubar, destaca-se a seguir às definições encontradas sobre o verbo **roubar**:

1. Jur. subtrair (coisa alheia móvel) para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistir.
2. Furtar, subtrair (coisa alheia);
3. Despojar de dinheiro ou de valores.
4. Praticar roubo em;

Entre outras definições registradas no Dicionário destacam as quatro mais pertinentes na crônica, por corresponder com o gerundivo verbal, que modaliza ação contínua, não determina início, nem fim do subtrair o alheio, mantendo-se na prática o despojar de dinheiro e esperteza. No Dicionário de Aurélio – Sec. XXI, o vocábulo **galinha**, substantivo feminino tem como primeira definição ave.

1. Zool. Ave galiforme, fasianídea, a fêmea, adulta, do galo.
2. Cul. Prato feito com ela.
3. Fig. Pessoa muito volúvel, que se entrega [v. entregar] com facilidade.

De acordo com as definições dicionarizadas, galinha pode ser transformável em comida; e também caracterizar, figurativamente, a vulnerabilidade a conduta e atitude das pessoas em dadas circunstâncias sociais.

A partir de fatos cotidianos, o cronista representa, de maneira figurada, um tipo de ladrão, ou seja, o “Ladrão de galinhas”, forma de uso popular que designa indivíduo praticante de pequenos delitos, quase sempre, para saciar a fome. Geralmente, o ladrão de galinhas não representa grandes feitos, por isso os interrogatórios são breves, pouco instigantes. Assim, ver-se, conforme saber social e o dicionário de Aurélio – Séc. XXI, que aquele instiga nos interrogatórios é socialmente quem exerce a função de delegado, ou seja, delegado é palavra substantiva masculina, que designa:

1. Aquele que é autorizado por outrem a representá-lo; comissário.
2. Enviado, emissário.
3. Aquele que tem a seu cargo serviço público dependente de autoridade superior.
4. A maior autoridade policial numa delegacia.
5. Representante.

Na estrutura social delegado é quem está autorizado a exercer serviços públicos para o bem-estar da sociedade, de tal modo que garanta segurança e o sossego públicos, em caso de alguma perturbação deve aplicar medidas enérgicas.

Nesse sentido, verificou-se que essas peculiaridades são observadas e focalizadas pelo cronista, na medida em que ele, opinativamente, constrói para os leitores/interlocutores um contexto situacional do cotidiano, ao representar **ladrão de galinhas versus delegado**, um ato pouco instigante, de rotina, portanto não risível, mas na seqüenciação da narrativa transforma-se, inesperadamente, o Usual em Inusitado, tornando-o risível.

Ladrão de galinhas	Delegado
- Pegaram o cara em flagrante roubando galinhas de um galinheiro e levaram para a delegacia. - (ameaça)... Vai para a cadeia! - Não era para mim não. Era para vender. - Mas eu vendia mais caro. - Espalhei o boato que as galinhas do galinheiro eram bichadas e as minhas não. É que as do galinheiro botavam ovos brancos enquanto as minhas botavam ovos marrons. - Os ovos das minhas eu pintava.	- Delegacia; (Ameaçador): ... <u>vida mansa, vagabundo!</u> ... <u>Sem-vergonha!</u> - Pior. Venda de artigo roubado. Concorrência desleal com comércio estabelecido. - Mais caro? - Mas eram as mesmas galinhas, <u>safado!</u> - Que grande <u>pilantra</u>...
Mas já havia um certo respeito no tom do delegado. - Ainda bem que tu vai preso. Se o dono do galinheiro te pega... - Já me pegou. Fiz um acerto com ele.	

Ao representar, no primeiro enunciado, os verbos que indicam aspectos de movimento: “pagaram, roubando e levaram”, o cronista, intencionalmente, ativa, no contexto cognitivo dos interlocutores, a construção de hipóteses: uma faculta a liberdade de cada um se decidir ou agir segundo a própria determinação; e outra, ser pego roubando, reduzido à impossibilidade de resistir; além disso, o fato de ser levado para um espaço fechado. Por conseguinte, o cronista representa o ladrão de galinhas e o delegado, como sujeitos que exercem na estrutura social papéis opostos. O ladrão, como aquele que subtrai o alheio para si e ameaça as outras pessoas; já, o delegado representa o poder público, aquele que tem por encargo fazer respeitar as leis.

O enunciador seleciona do uso coloquial palavras que predicam o interrogatório do delegado, para tanto, é freqüente, o uso de palavras chulas e de avaliação ideológica negativas, para refere-se ao ladrão de galinhas “o cara, vagabundo, Sem-vergonha, safado,

grande pilantra”. Essas palavras indicam as diferentes funções e papéis sociais naquela situação. Fato que não é risível, mas que permitir construir uma nova projeção para o interlocutor, na medida em que o ladrão fundamenta todos os seus atos de roubar para vender e espalhou “*o boato que as galinhas do galinheiro eram bichadas*” as suas não, pois o diferencial faz os produtos adquirirem valores distintos.

Acrescenta que “*as do galinheiro botavam ovos brancos*” verificável na cor dos ovos marrons de suas galinhas, porque ele “*os ovos das minhas eu pintava*”. Essa revelação feita pelo cronista rompe com o MCS do interlocutor, tanto pela transgressão do ladrão quanto pela sua criatividade, aparentemente, ingênua de buscar um diferencial para qualificar o seu produto no mercado, até o momento, tolhido ou coagido de contar suas façanhas.

Porém, ao representar a mudança de posicionamento do delegado, o interlocutor é compelido a reformular o que sabia à medida que o Usual torna-se Inusitado e risível, “*Mas já havia certo respeito no tom do delegado*”. O conector “*Mas*” indica pro-seqüência da narrativa e, também, a mudança de atitude da autoridade, ostensivamente, rompe como marco de cognições e expectativa projetada pelo interlocutor, quando se acrescenta que o delegado indica a prisão como segurança frente ao dono do galinheiro: “*-Ainda bem que tu vai preso. Se o dono do galinheiro te pega...*”, mas uma vez o ladrão revela “*- Já me pegou. Fiz um acerto com ele*”. Ou seja, agora ele tem aliados, que pode ser reforçado pelo dito popular “Quem não pode com o inimigo, alia-se a ele”. Há na revelação do ladrão certa **irreverência**, porque ele não é coagido nem inibido de praticar suas ladroagens e negociações.

A título de exemplificação, têm-se a seguir as formas de representações selecionadas pelo cronista para tratar do ladrão de galinhas e de delegado.

Ladrão de galinhas	Delegado
<i>- Já me pegou. Fiz um acerto com ele. Me comprometi a não espalhar mais boato sobre as galinhas dele, e ele se comprometeu a aumentar os preços dos produtos dele para ficarem iguais aos meus.</i> <i>Convidamos outros donos de galinheiro a entrar no nosso esquema.</i> <i>Formamos um oligopólio. Ou, no caso, um ovigopólio.</i>	

- <i>Especulo com dólar. Invisto alguma coisa no tráfico de drogas.</i> <i>Comprei alguns deputados. Dois ou três ministros. Consegui exclusividade no suprimento de galinhas e ovos para programas de alimentação do governo e superfaturar os preços.</i> - <i>Às vezes. Sabe como é.</i> <i>de Imposto de Renda e o que tenho depositado ilegalmente no exterior.</i> - <i>É que, em todas essas minhas atividades, eu sinto falta de uma coisa.</i> <i>O risco, entende? Daquela sensação de perigo, de estar fazendo uma coisa proibida, da iminência do castigo. Só roubando galinhas eu me sinto realmente um ladrão e isso é excitante. Como agora. Fui preso, finalmente. Vou para a cadeia. É uma experiência nova.</i> - <i>Mas fui pego em flagrante pulando a cerca do galinheiro!</i>	- E o que você faz com o lucro do seu negócio? - Depois perguntou: - Doutor, não me leve a mal, mas com tudo isso, o senhor não está millionário? - E, com tudo isso, o senhor continua roubando galinhas? - Não sei não, excelência. Me explique. - O que é isso, excelência? O senhor não vai ser preso não.
<i>O delegado mandou pedir um cafezinho para o preso e perguntou se a cadeira estava confortável, se ele não queria uma almofada.</i> <i>Sim. Mas é primário, e com esses antecedentes...</i>	

No contexto sócio-cognitivo, ao considerar, as representações avaliativas do cronista, os interlocutores deparam-se com outra projeção do que seja um ladrão de galinhas, por analogia, há uma reversão de papéis, na medida em que o ladrão é mega esquematizador de negócios, de forma a torna risível a mudança do delegado que na condição de autoridade, agora é mais um especulador “*fiz um acerto com os donos de galinheiros; convidamos outros donos (...); especulo com dólar; invisto no tráfico de drogas; envolvi de alguns deputados, ministros; os ovos vão para programas de alimentação do governo e superfaturar os preços*”.

O ladrão, ao representar seus esquemas, denuncia as questões de natureza política, atual, no Brasil. De modo que, no marco de cognições sociais, sabe-se que há várias denúncias sem punição e a menção feita por um ladrão de galinhas causa riso, ao passo que

ironiza a produtiva comercial e atendimento dos serviços de alguns políticos brasileiros. Outra ruptura com o marco das cognições sociais é verificada na presteza cordialidade do delegado ao *“pedir um cafezinho para o preso e perguntou se cadeira estava confortável se ele não queria uma almofada”*. Ato causador de estranhamento capaz de tornar risível, o não risível.

No reverso de papéis do delegado, aquele deve punir para o de quem está procurando tirar proveito da situação verificaram-se mais uma ruptura com o MCS, *“E o que você faz com o lucro do seu negocio? Doutor, não me leve a mal, mas com tudo isso, o senhor não está milionário?”*. Ostensivamente, essa representação transgride com o marco, forma a transformar o Inusitado em risível. Para causar avaliações representativas mais impactantes para os interlocutores que tendem a reformular o MCS, o ladrão faz a seguinte menção: *“Trilionário. Sem contar o que eu sonego de Imposto de Renda e o que tenho depositado ilegalmente no exterior”*. O fato de enganar ao erário e de fazer depósitos ilegais no exterior torna-se Inusitados e risíveis, na medida em que um ladrão de galinhas representa como uma banalidade invejável, quase espetacular.

Ao se tornar espetacular, o ladrão menciona para o delegado que *“em todas (...) minhas atividades, eu sinto falta do risco (...) da sensação de perigo, de estar fazendo uma coisa proibida, da iminência do castigo. Só roubando galinhas eu me sinto realmente um ladrão e isso é excitante”*. Verifica-se que há uma expectativa de punição do ladrão que na progressão da crônica adquire status de trilionário e de sujeito aventureiro, ao passo que o delegado passa a tratá-lo com deferência.

2.2 representações do brasileiro pelo marco das cognições sociais e pela opinião do cronista

O cronista representa opinativamente, a confortável situação do ladrão: *“Como agora. Fui preso, finalmente. Vou para a cadeia. É uma experiência nova. - Mas fui pego em flagrante pulando a cerca do galinheiro!”*. Mais uma vez a projeção de hipótese criada para

interlocutor é transgredida, tendo em vista que o ladrão além de sentir-se realizado pelos desafios é categorizado como primário, quase inocente: “*O senhor não vai ser preso não. - Mas fui pego em flagrante pulando a cerca do galinheiro! Sim. Mas é primário*”. O cronista, ao explicitar, Inesperado, na narrativa as atitudes do ladrão de galinhas, revela o cotidiano da corrupção de diferentes setores públicos brasileiros, e ao banalizar o roubo de galinha constrói o risível pela dimensão de importância que o ladrão diz ter construído, de modo paradoxal.

O risível, também, é ativado, no interlocutor, pelas representações de tratamento outorgado ao delegado quando se interroga o ladrão de galinhas, inicialmente, trata-o, ideologicamente, de forma avaliativa como “*o cara, vagabundo, Sem-vergonha, safado, grande pilantra*”, e gradativamente, transforma em valoração pronominal e pronominalização, ato de pronominalizar, “*tu, você, doutor, senhor, excelência, primário, com esses antecedentes*”. Essas mudanças delineiam o inesperado na narrativa, na medida em que ativa no interlocutor seus conhecimentos representados em outro contexto produzem o risível pela transgressão do reconhecimento da identidade dos papéis sociais representados na história.

O ladrão de galinhas é predicado, de forma avaliativa, como representação privilegiada devido aos contrastes ocorrentes entre grupos sócio-econômicos na sociedade brasileira que, ostensivamente, cria o humor risível pela estranheza da nova situação, contrastando com a seriedade do modelo situacional anterior.

Nesse contexto, os papéis de delegado e de ladrão de galinhas são caracterizados por representações intersubjetivas de nominação e pronominalização, tanto na interação dos componentes quanto na progressão da narrativa. De maneira que, constituem relevâncias para os interlocutores, ao transgredir com seu marco das cognições acerca dos papéis de delegado e de ladrão. Essa transgressão traz uma nova circunstância que causa o risível e mantém a representação narrativa da crônica. Verificou-se que a construção de transgressões, que produzem rupturas na expectativa do leitor, é construída pelo sujeito enunciador a partir de

suas intenções em ostensivamente causar relevância nos interlocutor. Para tanto, o sujeito enunciador usa estratégias enunciativas e sócio-cognitivas para a construção do risível, a partir dos enunciados formados pelo léxico, que tem por finalidade ativar conhecimentos de mundo, que são constantemente reformulados pela representação intencional do cronista.

Em síntese, as formas de representação mentais, em língua são articuladas na subjetividade da enunciação a partir de um sujeito de intenções para produzir o humor. Nesse sentido, na medida em que os enunciados representam em língua narrativa de histórias cotidiana, o interlocutor passa a ativar conhecimentos de como o brasileiro transforma as práticas informais em formais, simultaneamente.

Considerações Finais

Nesta crônica, os traços culturais do brasileiro destacados são a irreverência, a perseverança e o jeitinho de resolver problemas por meio da informalidade, de tal modo que as instituições formais buscam a criatividade do cotidiano. A crônica de cotidiano traz representação opinativa do cronista e de traços cultural e ideológica de marcos de cognições sociais da brasileira, quando busca resolver situações embaraçosas para não se comprometer com uma negação direta, oculta-se na emissão opinativa de avaliação de outro, alguém ausente naquela situação.

O estudo da crônica de cotidiano constrói um saber social e os usos particulares, que se modificam a cada contemporaneidade. Assim sendo, a Teoria das Representações Sociais e vertente sócio-cognitiva da Análise Crítica do Discurso mostraram-se adequadas para o tratamento do risível. Nesse sentido, o risível está presente no cotidiano das interações sócio-comunicativas do brasileiro, pela atitude irreverente deles ao desconstruir o social, poder-se-ia dizer que um dos traços culturais do brasileiro é a irreverência em suas interações discursivas.

Nesse sentido, a crônica traz em língua conhecimentos vividos pelo público, a qual é direcionada. Quando o público reconhece e ou ativa situações vividas e em evidências na atualidade a crônica causa o riso, ou seja, é na simultaneidade do texto-produto com a ruptura do texto-processo que o leitor reformula suas orientações de leitura, ocasionando o riso pelo inesperado. Conclui-se que o risível decorre de rupturas do conhecido *dado*, que ao informar o *novo* na interação sócio-comunicativa produz o riso e o risível no interlocutor, pois as representações sociais, selecionadas pelo cronista, trataram de grupos sociais diferentes mudam que, abruptamente, seus papéis interacionais, à medida que rompe com a expectativa do(s) interlocutor(es).

Referências Bibliográficas

- AMARAL, N. F. G. do. **Leituras do Humor: as marcas do sujeito**. In *Análise do discurso: entornos do sentido*. GREGOLIN, M. do R., CRUVINEL, M. de F., KHALIL, M. A. ágama Kalil. Araraquara: UNEP, FCL, Laboratório editorial; São Paulo; Cultura Acadêmica Editora, 2001.
- BAZILLI Chirley et al. *Interacionismo simbólico e teoria dos papéis: uma aproximação para a psicologia social*. EDUC. S. Paulo. 1998.
- BERGSON, H. *O riso, ensaios sobre a significação da comicidade*. Trad. BENEDETTI, I. C. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BRETON, Philippe. *Elogio da palavra*. São Paulo: Loyola, 2006.
- CANDIDO, A. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- DIJK, T. A. Van. *El discurso como interaccion social – estudios del discurso: introducción multidisciplinaria*. Volumen 2. Gedisa Editorial, 2000.
- MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 5 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.
- NOGUEIRA, Armando et alii. *O melhor da crônica brasileira*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1980. vol. 1.
- SABINO, F. *As melhores crônicas de Fernando Sabino*. 10 ed. Rio de Janeiro * São Paulo: Record, 2003, p. 174-
- SILVEIRA, R.C.P da. *Opinião, marco de cognições sociais e a identidade cultural do brasileiro: as crônicas nacionais*. In: JÚDICE, N. org.) *Português/língua estrangeira, leitura produção e avaliação de textos*. Niterói – RJ, Intertexto, 2000.
- _____. **Enunciados clichês populares reduzidos e cultura: Sociedade, Cognição e Discurso**. Uberlândia: EDUFU CD-Rom, 2007.
- SILVEIRA, R. C. P. da e SELLAN, A. R. B. **Sociedade, Cognição e Discurso: a cultura e a leitura de texto narrativo de humor**. In: BASTOS, N. B. (org.). *Língua Portuguesa: Lusofonia- Memória e Identidade Cultural*. São Paulo: Educ/FAPESP, 2008.
- TRAVAGLIA, L. C. **Uma introdução ao estudo do humor pela lingüística**. Revista de Documentos de Estudos em Lingüística Teórica – DELTA, vol. 6 n. 1, 1990.
- _____. TRAVAGLIA, L. C. *Homonímia, mundos textuais e humor*. Revista do Estudo de Letras, UFRS, 1995. p. 41-49.
- TURAZZA, Jeni Silva. *O verbo uma abordagem léxico-semântica*. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2002.